



*redação de*  
**CAMPEÃO**

**Aula 21-**

**“O crescimento da violência policial  
na realidade brasileira”**

*Professora Candice Almeida*

*Professor João Filipe Magnani*

*contato@redacaodecampeao.com.br; www.redacaodecampeao.com.br*

## TEMA: VIOLÊNCIA POLICIAL

Na primeira quinzena de junho, alguns dos mais talentosos chargistas do país foram interpelados judicialmente.

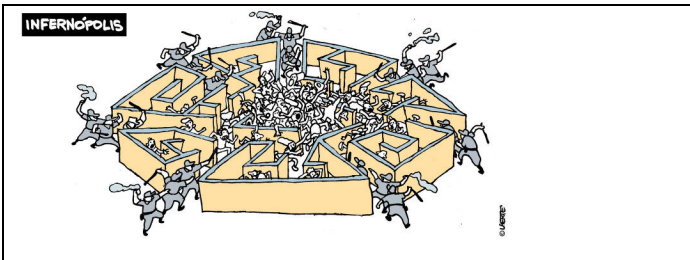
[...] a **Folha** e quatro cartunistas (Laerte, João Montanaro, Alberto Benett e Claudio Mor) foram interpelados pela publicação de charges críticas à violência policial.

O pedido de explicações —uma espécie de preparação para futura ação penal— foi feito pela Associação de Oficiais Militares do Estado de São Paulo em Defesa da Polícia Militar (Defenda PM), grupo

conservador cujo presidente é assessor parlamentar do senador Major Olímpio (PSL-SP).

O grupo acionou a **Folha** seis meses após as charges serem publicadas —todas em referência à invasão, pela PM, da favela de Paraisópolis, em São Paulo, ação que causou nove mortes.

Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/06/por-charges-criticas-entidade-de-pms-interpela-a-folha-e-quatro-cartunistas.shtml>



Charge da cartunista Laerte publicada na edição de 3 de dezembro de 2019 da Folha, três dias após ação policial durante um baile funk na favela de Paraisópolis, em São Paulo, resultar em nove mortes



Em charge publicada na edição de 12 de dezembro de 2019 da Folha, o cartunista Benett ironiza a repercussão dos cartuns frente à violência policial registrada em Paraisópolis dias antes



Charge do cartunista Claudio Mor publicada na edição de 6 de dezembro de 2019 da Folha abordou o abuso policial na esteira ação da Polícia Militar paulista em Paraisópolis



O cartunista João Montanaro, em charge publicada na edição de 9 de dezembro de 2019 da Folha, faz alusão ao racismo; a maioria dos nove jovens mortos na ação policial em Paraisópolis era negra

### Repertório:

#### Força policial brasileira é a que mais mata no mundo, diz relatório

Relatório da Anistia Internacional destaca o Brasil e os EUA.

Brasil aparece como o país que tem o maior número geral de homicídios.

Brasil e Estados Unidos têm em comum números trágicos. A força policial brasileira é a que mais mata no mundo. A americana é considerada uma das três polícias mais violentas.

<http://g1.globo.com/globo-news/noticia/2015/09/forca-policial-brasileira-e-que-mais-mata-no-mundo-diz-relatorio.html>

#### No Brasil, mais policiais se suicidam do que morrem em confrontos

Com 104 vítimas no ano passado, suicídio acende alerta sobre a necessidade de as corporações prestarem melhor assistência à saúde mental dos agentes

São Paulo — O número de policiais que cometeram suicídio no Brasil em 2018 (104) foi maior que a quantidade que morreu em decorrência de confronto nas ruas (87), enquanto estavam em serviço.

Para especialistas, o volume de suicídios acende um alerta sobre a necessidade de as corporações prestarem melhor assistência à saúde mental dos agentes.

O estresse inerente à função policial e conflitos institucionais, como assédio moral, são apontados pela Ouvidoria da Polícia de São Paulo como fatores que, em conjunto com outros, podem contribuir para essas mortes.

## Hey Joe - O Rappa Também morre quem atira

### Legisladores de Minneapolis vão desmontar polícia local e criar novo sistema de segurança pública

Anúncio foi feito por membros do Conselho Municipal durante protesto contra a morte de George Floyd neste domingo

## Violência policial

### (Folha de S.Paulo, Hélio Schwartsman)

Já escrevi neste espaço que a criação da polícia foi uma das melhores coisas que aconteceu na história da humanidade. A evidência para tal afirmação vem de Steven Pinker, que, em "The Better Angels of Our Nature" (os melhores anjos de nossa natureza), mostra que o surgimento de Estados fortes na Europa do século 16, com suas milícias e o monopólio do uso da força, fez com que as taxas de homicídio, que eram assustadoramente altas, ficassem de 10 a 50 vezes menores. O advento da polícia foi, assim, um dos fatores que, isoladamente, mais contribuiu para preservar vidas humanas.

Essa, contudo, é apenas uma parte da história. Depois que o Estado está instalado e operante, com seu aparato policial e todas as demais engrenagens, ele tem a irresistível tendência de tornar-se uma força opressora. Nos casos mais extremos, torna-se o principal polo de violência, como se verifica nas ditaduras. Não se trata, é claro, de voltar atrás. Em termos líquidos, o benefício de contarmos com uma estrutura de contenção de conflitos entre as pessoas em geral supera o malefício dos abusos perpetrados por forças de segurança. Só que não estamos aqui diante de uma disjuntiva exclusiva, isto é, de um ou... ou do qual só podemos escolher um. Nós podemos perfeitamente ficar com as vantagens de ter um Estado e cuidar para que ele não incorra no arbítrio. A isso se chama civilização.

Se as autoridades estivessem verdadeiramente empenhadas em seguir a letra e o espírito da lei, que veda qualquer tipo de execução extrajudicial e determina que os policiais façam tudo o que é possível para preservar a vida e a integridade física dos

De acordo com levantamento do Instituto Sou da Paz com dados do Departamento de Inquéritos Policiais e Corregedoria da Polícia Judiciária e do Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo (USP), mais de 67,7% dos encarcerados por tráfico de maconha nas prisões do País foram flagrados com posse de menos de 100 gramas da droga, sendo 14% deles com quantidade inferior a 10 gramas – algo em torno de dez cigarros. Aliado aos dados dos encarcerados também por tráfico de cocaína – 77,6% com menos de 100 gramas –, 62,17% dos traficantes presos no País exerciam atividade remunerada na ocasião do flagrante, 94,3% não pertenciam a organizações criminosas e 97% nem sequer portava algum tipo de arma. Ou seja, eram ou microtraficantes ou usuários. Fonte: [Último Segundo - iG @ https://ultimosegundo.ig.com.br/2014-09-23/677-dos-presos-por-trafico-de-maconha-tinham-menos-de-100-gramas-da-droga.html](https://ultimosegundo.ig.com.br/2014-09-23/677-dos-presos-por-trafico-de-maconha-tinham-menos-de-100-gramas-da-droga.html)

cidadãos, incluindo aqueles que são suspeitos de crimes, o governador não poderia descansar até que as cifras baixassem significativamente.

Em "Blink", um livrinho estimulante sobre como as pessoas agem no piloto automático, Malcolm Gladwell revela que vários departamentos de polícia dos EUA baniram as perseguições motorizadas. Policiais não estão mais autorizados a dirigir em alta velocidade atrás de suspeitos. E a razão para isso, além do risco de acidentes, é que, quando a adrenalina do agente vai às alturas e seus batimentos cardíacos ultrapassam os 175 por minuto, aumenta enormemente a probabilidade de ele agir de forma intempestiva. Nessas condições, uma carteira ou um celular na mão do suspeito são facilmente confundidos com uma arma e o desfecho tende a ser trágico. Faz bem mais sentido lançar um alerta para que outras unidades abordem o veículo duvidoso.

De modo análogo, algumas policiais, em especial as da Austrália, têm apostado em patrulhas conduzidas por um único policial, em oposição às duplas. Aqui, além do óbvio ganho em efetivos, temos uma redução na propensão do agente a reagir impensadamente. Somos mais cautelosos quando estamos sozinhos do que quando fazemos parte de um grupo. É claro que há situações de maior periculosidade em que não dá para colocar policiais sozinhos, mas há muitas outras em que o risco para o agente é relativamente pequeno.

Mas, se os policiais que agem a quente e sempre sob o temor de perder a própria vida merecem uma consideração especial nas situações de confronto, o mesmo não se pode afirmar daqueles que os comandam em gabinetes confortáveis.

## Uma condição básica para uma polícia eficiente

### (Folha de S.Paulo, Contardo Calligaris)

A cultura nacional propõe um vasto repertório de malfeitores. É normal: uma sociedade individualista idealiza a transgressão, por conseqüência, ela nunca deixa de ser fascinada por seus delinquentes. Nisso, a cultura brasileira não está sozinha. Mas é estranho que ela não proponha o contraponto: um repertório de guardiões da ordem (policiais ou detetives particulares) que excitam o imaginário da gente ao menos tanto quanto os malfeitores.

Não se trata, portanto, de indignar-se porque, sei lá, "Cidade de Deus" transformaria delinquentes em protagonistas de uma história que pode seduzir o jovem espectador. Trata-se, isso sim, de estranhar que o mesmo espectador não tenha a chance de ser seduzido pelas histórias de quem combate o crime. Alguém observará que não poderia ser diferente, visto que, na sociedade brasileira, o policial está longe de constituir uma imagem de sucesso social. Se seu filho



expressar o desejo de se tornar policial, você, pai ou mãe de classe média, como reagirá?

Mas a pobreza da remuneração não é uma causa, é um corolário. Uma cultura que não consegue romancear a polícia não tem como cuidar para que ser policial implique um status razoavelmente digno. A sociedade organizada por essa cultura, obviamente, não consegue se dotar de uma polícia à altura de sua tarefa.

As razões por essa falha cultural são conhecidas além da conta (inconsistência do pacto social, modernização sem a inclusão de todos e por aí vai), mas não justificam nenhuma resignação.

No caso, em vez de deplorar os efeitos nefastos da cultura de massa, poderíamos utilizar seu poder. Por que a TV não nos proporia um (ou vários) "Law and Order" e "Starsky e Hutch" brasileiros? Por que o

cinema nacional não nos proporia as histórias de policiais da Brigada, da Civil, da Federal ou da Municipal? E de procuradores?

E, por favor, não só a denúncia das miseráveis condições das forças da ordem. Nem da corrupção que as espreita porque, excluídas da classe média, parecem ser convidadas a pagar-se saqueando. Precisamos de histórias pelas quais ser policial seja, em todos os sentidos, uma profissão "legal".

Pois isto é certo: teremos polícia no dia em que não será ridículo nem vergonhoso que um menino sonhe em ser policial brasileiro.

Até agora, na cultura nacional, só conheço um exemplo de policial que dá vontade de ser policial. É o delegado Espinosa dos romances de Luiz Alfredo Garcia-Rosa, os quais têm um único defeito: são poucos.

## Governo Bolsonaro exclui violência policial do Disque Direitos Humanos

Dados foram apagados do Disque 100, do ministério coordenado por Damares Alves. Em 2018, havia 1.637 registros de violações desse tipo.

(12/06/2020)

O Ministério da Mulher, da Família e Direitos Humanos, comandado por **Damares Alves**, excluiu do relatório do Disque Direitos Humanos os indicadores de **violência policial** em 2019.

No primeiro semestre de 2019, 2.886 pessoas foram mortas por policiais, 120 a mais que no mesmo período de 2018, de acordo com levantamento feito pelo G1 com base nos dados oficiais de 25 estados e do Distrito Federal.

A letalidade policial chama atenção especialmente em estados como o Rio de Janeiro. Segundo dados oficiais do governo fluminense, 1.810 pessoas morreram em intervenções policiais no ano passado, número mais alto em duas décadas.

Enquanto o foco da população está nos casos e mortes pela covid-19, as polícias do Rio usaram mais a força letal do que no mesmo período do ano passado.

Fonte:

[https://www.huffpostbrasil.com/entry/disque-100-violencia-policial\\_br\\_5ee39608c5b6c322ca2d43b5](https://www.huffpostbrasil.com/entry/disque-100-violencia-policial_br_5ee39608c5b6c322ca2d43b5)



## “Estamos em uma guerra ideológica para matar pobre”, diz policial perseguido por criticar PM

“Somos treinados com o mantra bandido bom é bandido morto, mas nunca vi policial executar deputado bandido, juiz que vende sentença, senador chefe de tráfico” – confira o relato do policial militar

Conheci um tenente do qual gostei muito. Achei ele bem parecido comigo. Ele era empolgado, inteligente, queria solucionar os problemas de segurança pública do local. Mas eu fiquei muito triste quando ouvi da boca dele que certos pelotões da polícia têm de trabalhar diferente, ou seja, tem de executar e torturar.

E a história segue. Bastam cinco minutos com um policial para ele contar sobre algum abuso de autoridade, sobre alguma execução que ele presenciou ou ouviu falar, sobre uma seção de tortura.

E todos acreditam estar fazendo o bem. Eu não duvido deles, pois eu também já acreditei. Somos treinados com o mantra BANDIDO BOM É BANDIDO MORTO, mas eu nunca vi um policial sair para executar um deputado bandido, um

juiz que vende sentença, um senador que é chefe de tráfico. E eu não espero que saiam. O que eu quero demonstrar é que você, policial, está sendo enganado. Você está numa guerra ideológica para matar pobre. Não é bandido bom é bandido morto, mas sim, pobre bom é pobre morto. Você está sendo manipulado.

Fizeram você acreditar que o crime mais hediondo do país é o tráfico de drogas, enquanto a gente trata com menos cuidado do homicídio, do estupro, do roubo, da corrupção. Fizeram você acreditar que o seu serviço é dar solução a ocorrência, e que se houver reincidência a culpa é sua. Fizeram você acreditar que quem comete um erro nunca vai melhorar, mas você se esquece que ser policial é aprender na prática que todo o mundo erra, e que todo o



mundo merece uma segunda chance. Onde você estaria sem uma segunda chance? Quem você seria se não fossem perdoados nenhum dos seus erros?

A manipulação não é à toa. Enquanto você mata e se mata, enquanto você corre atrás de traficante como se alguém fosse obrigado a usar drogas, os grandes crimes continuam acontecendo e a gente não tem efetivo para prevenir ou para investigar, já que nossa capacidade está toda na droga.

Você está sendo manipulado, usado. Para essa galera, a sua vida não vale nada. É por isso que eles querem que você suba morro para matar traficante, pois o que vale é o show, a sensação do caos. A sua vida é insignificante. Tão insignificante quanto a do traficante. Se sua vida fosse importante para o Bolsonaro e cia, eles lhe dariam proteção

**Martel Alexandre del Colle tem 28 anos e é policial há 10 anos. É aspirante a Oficial da Polícia militar do Paraná.**

## "A polícia que mais mata é também a que mais morre", diz ex-comandante-geral da PM no Rio

Ex-comandante-geral da Polícia Militar no Rio de Janeiro, o coronel reformado Ibis Silva Pereira, 54, vê na política nacional de guerra às drogas um dos principais problemas da segurança pública no país.

"A nossa tragédia é de falta de uma política pública de segurança. Como você não tem política pública, quer resolver o problema com militarização, as decisões ficam limitadas ao policial na ponta. Isso significa adoecimento da tropa, mais vitimização de policiais e de civis. Sofrimento psíquico. Agentes que sofrem farão sofrer. Serão não portadores de segurança, mas de insegurança."

### Guerras às drogas

"O foco na guerra às drogas é um dos principais problemas da política nacional de segurança. Achar que com o direito penal, com mais enfrentamento, você vai resolver um problema ligado à saúde. Aí você tem uma alta letalidade de policiais e alta letalidade da polícia brasileira que, em última análise, é culpa do Estado que, no mínimo, é omissivo.

Fonte: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/07/25/a-policia-que-mais-mata-e-tambem-a-que-mais-morre-diz-ex-comandante-geral-da-pm-no-rio.htm>

e diminuiriam a incidência de crimes, mas eles só querem um palco para dizer que estão certos e um holofote para desviar o foco dos problemas de sempre.

Nós, policiais, somos muito mais culpados pela situação em que o Brasil está do que você imagina. Nós ajudamos na mentira, nós servimos de distração, e nós rompemos o nosso juramento de fazer o certo, mesmo que isto custe as nossas vidas.

Fazer o certo quase custou a minha vida. Fazer o certo custou o contato com pessoas muito importantes para mim.

Eu ainda não vejo muito motivo para viver. Parece que tudo o que fiz foi inútil, em vão. Não sei se consigo vestir uma farda novamente. Mas eu sigo procurando uma resposta. Talvez o mais importante é que mesmo na dor eu tentei ser eu mesmo.

**Martel Alexandre del Colle tem 28 anos e é policial há 10 anos. É aspirante a Oficial da Polícia militar do Paraná.**

## "A polícia que mais mata é também a que mais morre", diz ex-comandante-geral da PM no Rio

Ex-comandante-geral da Polícia Militar no Rio de Janeiro, o coronel reformado Ibis Silva Pereira, 54, vê na política nacional de guerra às drogas um dos principais problemas da segurança pública no país.

"O PM deveria ser o primeiro a se insurgir contra a lógica da guerra. Quem diz que a perda de uma vida é efeito colateral acaba dizendo também sem dizer que não tem o menor compromisso com a vitimização de policiais, que no fundo é o que assistimos no Rio.

Uma polícia que mata muito morre muito também, ainda que seja na folga. E vai morrer porque mata muito na ativa. Essa guerra não acaba quando você tira a farda. Ela alimenta o ódio.

Quando o assaltante te assalta, ele não te vê como um profissional que estava cumprindo o seu dever, mas como um inimigo. A melhor forma de a polícia parar de morrer é respeitando mais. Respeitando as garantias, os direitos individuais. Quanto mais a polícia entender que ela é uma agente da promoção de direitos humanos menos ela vai ser vitimizada."

## É possível desmilitarizar a polícia brasileira?

(FENAPRF – Federação Nacional dos Policiais Rodoviários Federais -)

<http://www.sindprfce.com.br/noticias/-poss-vel-desmilitarizar-a-pol-cia-brasileira->

O dia 13 de junho de 2013 ficou marcado pela desproporcionalidade com a qual a Polícia Militar reagiu aos cerca de 5 mil manifestantes que pediam a revogação do aumento de 20 centavos no preço do transporte público de São Paulo. A avenida Paulista, no centro da cidade, foi palco de cenas de violência policial que culminaram na agressão de jornalistas, manifestantes e pessoas que passavam pelo local. Aquele foi um ponto de virada das manifestações. Após a reação truculenta, os protestos ganharam força e se espalharam pelo Brasil. Em São Paulo, a polícia evitou novos conflitos, mas em cidades como Belo Horizonte, Fortaleza, Porto Alegre e Rio de Janeiro a postura agressiva se manteve. Um comportamento que reabriu o debate sobre a desmilitarização da polícia, cujas

ações transparecem a impressão de que o civil, seja manifestante ou suspeito de crime, é um inimigo da sociedade.

Essa mentalidade, sustentam estudos, provém do treinamento policial em moldes militares típicos das Forças Armadas, que visam eliminar "invasores externos". Na sociedade civil, não haveria espaço para tal lógica. "A polícia não se vê como uma entidade para defender os direitos dos manifestantes, mas os encara como parte do problema", afirma Maurício Santoro, assessor de direitos humanos da Anistia Internacional no Brasil. "Os policiais frequentemente usam uma linguagem bélica, de encarar o protesto como uma luta e o manifestante como o outro lado", afirma.



Um indicador utilizado para calcular o uso desproporcional da força por agentes da lei é medir a razão entre o número de mortes civis para cada perda policial. Quando a quantidade de civis mortos é dez vezes maior que a de policiais, há indícios de que a polícia esteja abusando do uso da força letal. E, segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública, esse cenário acontece ao menos em três Estados: Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo.

“A estrutura militarizada tem um treinamento e cultura de guerra, de combate ao inimigo. Uma polícia cidadã é feita para prender e encaminhar as pessoas ao julgamento, não para aniquilação como fazem as Forças Armadas”, afirma Túlio Vianna, doutor em Direito do Estado e professor da UFMG.

Desde a definição do papel da PM na Constituição, os casos de abuso policial se acumulam. O massacre do Carandiru, quando a polícia invadiu o presídio paulista durante uma rebelião e matou 111

presos, e a Chacina da Candelária, na qual policiais assassinaram oito jovens que dormiam nas ruas do centro do Rio de Janeiro, são dois dos exemplos mais marcantes. “A militarização gera violência contra os policiais, criados em uma cultura de humilhação hierárquica. Logo, o soldado transfere essa violência a alguém abaixo dele. E a população sofre com essa cultura de violência institucionalizada”, diz Vianna, da UFMG.

#### **Pressão externa**

Em meio aos inúmeros casos de truculência da PM brasileira, o Conselho de Direitos Humanos da ONU recomendou em maio de 2012, por sugestão do governo da Dinamarca, a abolição do “sistema separado de Polícia Militar, aplicando medidas mais eficazes (...) para reduzir a incidência de execuções extrajudiciais”. O governo brasileiro respondeu alegando que não poderia fazer a mudança por conta da questão constitucional.

## **MÃOS À OBRA**

A partir da leitura dos textos motivadores e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija um texto dissertativo-argumentativo em modalidade escrita formal da língua portuguesa sobre o tema: **“O crescimento da violência policial na realidade brasileira”**, apresentando proposta de intervenção que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista. Seu texto deve ter entre 07 e 30 linhas escritas.

